



Proseando

PORQUE É NOVEMBRO

Porque é novembro, chegou o momento de termos a última prosa do ano. Sim, última porque, em dezembro, muitos estarão em outras cidades prestando vestibular; ou, simplesmente, não terão tempo de me lerem.

Porque é novembro, sinto cheiro de despedidas no ar. Cheiro de mudanças. É o trem da vida chegando à estação final. Muitos embarcarão em outros trens para longe, muito longe em busca de seus sonhos. Outros desembarcaram antes deixando entre nós a semente da amizade que, de tão valiosa, não é possível descrevê-la. A vida é repleta de finais e de recomeços; a natureza ensina-nos isso a cada mudança de estação. “A cada chamada da vida, o coração deve estar pronto para a despedida e para um novo recomeço”, escreveu o escritor e poeta Hermann Hesse. Mesmo sabendo disso, parece que nunca estamos preparados para encerrar uma etapa.

Queridos alunos, levem para a viagem que seguem todos os ensinamentos, todas as alegrias e todas as lembranças dos bons momentos que passaram no colégio. Embarquem no novo trem; seja uma universidade, seja um trabalho, seja uma viagem ou um projeto adiado há muito tempo, mas embarquem com segurança e com otimismo. Não vai ser fácil; não é fácil para ninguém abandonar o convívio com os amigos e o conforto do ninho. Mas é o correr da vida. Não é minha a frase a seguir, mas concordo plenamente com ela: “O lar do passarinho não é o ninho, mas o céu”. Há um momento em que é preciso dizer adeus ao passado e dar boas vindas ao novo. Sim, deem adeus ao passado, mas, por favor, não o abandonem porque nessa nova viagem ele poderá ser grande companhia; poderá ser bom conselheiro nos momentos de dúvidas e de decisões. Nesse passado, estão, também, as amizades e a formação familiar que colocaram pedrinhas nos alicerces de suas vidas e deram-lhes sustentação para continuar a trajetória além do portão do colégio. Além do aconchego do ninho. Esse passado poderá, ainda, ajudá-los a abrir as janelas da vida para que aqueles grandes e pequenos sonhos se tornem realidade. Este é o meu desejo para vocês: Não deixem de sonhar; os sonhos nutrem as almas. Seria ótimo que tivesse nas grades curriculares um espaço para ensinar os alunos a sonharem. Certamente, teríamos um país muito, muito mais bonito do que é. O momento é oportuno também refletir com vocês sobre a frase de Tolstói: “Não existe grandeza quando a simplicidade, a bondade e a verdade estão ausentes”. Pensem nisso.

Porque é novembro, é o momento de agradecer a todos que me leram e que, sem saber, contribuíram para que eu pudesse escrever. Sim, ajudaram e muito. Não sou nada original – tudo o que escrevo é resultado das minhas hiponematas (anotações de conversas com alunos, amigas; anotações de leituras de jornais, de revistas, de crônicas e das imagens que a memória guarda quando meus olhos passeiam pelas ruas e pelos corredores do colégio). Quando quero escrever, recorro aos meus cadernos de anotações. Neles, encontro conselhos, sugestões de amigos, de escritores e dos mestres. Para vocês, meus afetos e meu abraço. Não poderia encerrar sem desejar aos meus colaboradores, sobretudo alunos e amigas uma bela viagem pelas estações de 2017. Desejo que, nessa viagem, cada um de vocês tenha o mais belo e inesquecível encontro de suas vidas: o encontro de você com você mesmo.

Porque é novembro, confesso que foi muito difícil começar uma crônica se já estamos no fim. Confesso, ainda, que os momentos que vivi com vocês, leitores, colegas e alunos ficarão guardados na alma: as risadas, os perfumes, tudo...tudo. De alguns olhares, mesmo que tão rápidos, também serão eternos nas minhas lembranças. Minha vida, graças a vocês, foi, por muito tempo, recheada de momentos felizes e de muitas palavras carinhosas. Claro que, algumas vezes, tive vontade de retratar aqui minha indignação com a situação política do país, de protestar contra a corrupção, mas preferi compartilhar sonhos, poemas e fatos que dessem leveza à alma. Para este cantinho eu trouxe Cora Coralina, Drummond, Manoel de Barros, entre outros.

Porque é novembro, eu penso: Daqui a pouco tudo isso ficará para trás. Daqui para frente tudo isso será o meu passado. O nosso passado. Sejam todos felizes.

Profª. Sueli Palma



Novidades do mês



A arte da Vida
Zygmunt Bauman



Topless
Martha Medeiros



Cachorro Velho
Teresa Cárdena



Citações

Consulte não seus medos, mas as suas esperanças e sonhos. Pense não sobre suas frustrações, mas sobre seu potencial não usado. Preocupe-se não com o que você tentou e falhou, mas com aquilo que ainda é possível a você fazer (**Papa João Paulo II**).

Digo o real não está na saída nem na chegada; ele se dispõe para a gente é no meio da travessia (**Guimarães Rosa**).

Se não puder voar, corra. Se não puder correr, ande. Se não puder andar, rasteje, mas continue em frente de qualquer jeito (**Martin Luther King**).

As grandes coisas também nascem de pequenos começos (**Públio Sira**).



Sugestão Cultural

Curiosidades Filosóficas – Filósofos e suas ideias

Foi na época em que o pensamento humano se desenvolveu que o homem se tornou-se o centro das atenções, seja nas pinturas, nas pesquisas ou outros campos. No Humanismo, quem determina o que é certo ou errado não é Deus, mas o homem. Um bom exemplo é o de Nicolau Maquiavel, o autor do livro O Príncipe.

A Dialética é a arte de debater. O grande nome aqui é Sócrates, que estabeleceu o costume do diálogo nas rodas de intelectuais da Grécia. Antes dele, a retórica, a capacidade de falar bem, importava mais do que os argumentos.

Para Platão, antes do mundo real, existe o mundo das ideias, que seria o único verdadeiro de fato. Enquanto isso, o mundo em que vivemos, seria uma sombra, uma ilusão. Platão também acreditava na imortalidade da alma.

O Cinismo é uma doutrina da filosofia grega que considerava a honestidade o único requisito para a felicidade. Por isso, os cínicos eram ascetas radicais, completamente alheios a questões como roupa, família e higiene. Diógenes, o maior dos filósofos cínicos, era um morador de rua.

O estoico acreditava que o mundo era governado por uma lógica divina. O Estoicismo ensina também que somente pelo desapego, ignorando dor e prazer é que se descobre a verdade. Zenão de Citio é considerado o fundador do estoicismo.

Imanência é a ideia de que Deus está presente no mundo. Tales de Mileto dizia que todas as coisas estão cheias de deuses e ensinava que era preciso abrir os olhos para o mundo. Por isso, os filósofos ligados à ideia da Imanência estudavam os princípios da natureza.

O Cartesiano consiste em negar e questionar tudo que não resistia a dúvidas. Como o próprio nome indica, teve no filósofo René Descartes o maior defensor. Descartes chegou a duvidar da própria existência, mas conseguiu prová-la com a famosa frase: “Penso, logo existo”. Depois de Descartes, o mundo viveu revoluções em várias áreas, colocando diversas ideias estabelecidas em dúvida.

Fonte: guiaoestudante.abril.com.br

A todos que me leram e que caminharam comigo, meus agradecimentos. Estejam certos de que boas lembranças são marcantes e o que é marcante a gente nunca se esquece.

(Sueli Palma)



Texto do mês

A ARTE DA CELEBRAÇÃO - LYA LUFT

A passagem de ano não deveria pedir projetos (e posteriores remorsos), mais projetos (e mais futuros arrependimentos), e sim, abrir a portinhola de algum alívio, alguma alegria. Mas talvez a gente goste de sofrer.

Lembrei-me agora da deliciosa historinha de um monge muito velho, quase centenário, que, num remoto mosteiro, pede a um monge bem moço que o ajude ainda uma vez a ir à biblioteca que guarda preciosos alfarrábios. Pela última vez, ele quer folhear uma enciclopédia ou encíclica papal, algo assim — a princípio, o moço não entende direito. O jovem monge instala, então, o velhíssimo velhinho junto a uma mesa imensa. Tudo lá é muito grande e muito antigo. Mesa de carvalho, claro. É um aposento secreto no fundo da biblioteca, onde só os monges iniciados entram. O rapaz consegue o livrão, coloca-o na mesa diante do velhíssimo velhinho e sai, dizendo: “Qualquer coisa, toque essa sineta que eu venho acudi-lo”.

Passa-se o tempo, o jovem monge se distrai com seus afazeres, até que se lembra: e o ancião, como estará? Preocupa-se com o longo silêncio — será que ele morreu? Corre até o fundo da biblioteca, até a sala secreta, e encontra o velho monge batendo repetidamente a cabeça no tampo da mesa: — Mestre, o que houve? O senhor vai se machucar!

O monge centenário chora e repete certas palavras que o moço custa a entender: — Imagine, imagine! A palavra de ordem, a recomendação, a essência, não era celibato, mas celebre! (...não era celibato, mas celebração!)

Logicamente, em inglês, a coisa tem mais graça, mas mesmo quem lê aqui há de entender: desperdiçamos tempo, vida e energia sofrendo por bobagens, arruinando as alegrias, ignorando afetos, trabalhando mais do que seria necessário para a nossa dignidade, curtindo mais o negativo do que o positivo, quando, afinal, a ordem divina metafórica é que não precisamos fazer o sacrifício do celibato, mas celebrar a vida. Pessoalmente, sempre acreditei que a melhor homenagem que se faz a uma divindade, se nela acreditamos, é celebrar — respeitando, amando, curtindo, cuidando — a vida, a natureza, a arte, o enigma de tudo.

Mas nós, humanos, nem sempre espertos (embora a gente se ache, e muito), em vez de celebrar a passagem de ano, passamos boa parte dela nos enrolando. As providências excessivas, as compras, as comidas, as dívidas em dezenas de prestações... Os planos. Mas para que planos, quando o melhor é ter um só? Ser mais feliz, mais alegre, mais amoroso, mais honrado, mais pacífico. Mas a gente coloca aspectos prosaicos da vida acima de tudo: perder 10 quilos, tratar melhor a sogra, ser menos puxa-saco da sogra, da cunhada, da nora, do patrão. Ganhar mais dinheiro, o que nem sempre representa a conquista da felicidade ou algo que o valha, e por aí vai. Para um lado ou outro, para o sim ou para o não, nessa hora nos enchemos de preocupações, acumulamos propósitos e nos amarguramos porque quase todos aqueles objetivos elencados na passagem do ano passado não foram cumpridos (e ainda por cima a gente sabia que ia ser assim).

E daí? E daí que poderíamos aproveitar o momento para pensar no que realmente vale a pena. E ao que vale a pena, não importam a biografia ou a latitude, é celebrar. Para tanto, basta que sejamos, em casa, no trabalho e na escola, um pouquinho mais agradáveis e menos tensos. E que, pelo menos, isso se manifeste na forma de um abraço vindo do fundo mais fundo do mais cansado — mas ainda amoroso e celebrante — coração.

Colégio Anglo Cassiano Ricardo de Ensino Médio e Pré-Vestibular / Mantenedores:
 Anísio Spano e Saulo Daolio. Diretora: Mônica Yumi Kukita Gonçalves.
 Prof. Responsável: Sueli Brás Monteiro Palma. Revisão: Sílvia Mamede.
 Editoração: Thuany Cristiny Guedes. Reprografia: Paulo Rogério de Faria
 Sugestões: sueli@cassianoricardo.com.br Tel. 2134-9100.
 www.anglocassianoricardo.com.br - www.facebook.com/anglosaojose



Dicas gramaticais

Revisão Concordância Verbal

Com sujeito composto por infinitivo - a concordância é facultativa. A preferência é o uso do verbo no singular. Ex.: Sorrir e balançar a cabeça não **resolve** (ou resolvem) seu problema. Se os infinitivos forem antônimos, o verbo concorda no plural. Ex.: Rir e chorar **fazem** parte da vida. Se os verbos estiverem substantivados, o plural é obrigatório. Ex.: O entrar e o sair da sala **atrapalham** o palestrante.

Com o verbo haver – o verbo haver no sentido de existir ou de acontecer, é impessoal (sem sujeito). Deve ser usado sempre no singular. Ex.: **Há** muitas pessoas na reunião. / Sempre **houve** muitos acidentes nesta esquina.

Com o verbo ser – o verbo ser com referência a tempo e distância, concorda com a palavra seguinte. Ex.: **É** 1 hora. / **São** 2 horas. / **É** meio dia e meia. / **São** doze horas e trinta minutos.

Com o pronome Que e Quem – com o pronome que, o verbo concorda com o antecedente. Ex.: Fui eu que **fiz** o trabalho. / Fomos nós que **fizemos** o trabalho. Com o pronome quem, embora alguns autores aceitem a concordância com o antecedente, o mais recomendável é que a concordância seja feita na 3ª pessoa do singular. Ex.: Fui eu quem **fez** o trabalho. / Quem **fez** o trabalho fomos nós.

Obs.: Com um dos que, o mais recomendável é que a concordância seja feita no plural. Ex.: Ele é um dos que **fizeram** o trabalho. / Ela é uma das atrizes que **foram** premiadas no festival.

Com porcentagem – o verbo concorda com a porcentagem. Ex.: Somente 1% **compareceu** à prova. / Somente 2% não **compareceram** à prova. Quando houver especificador, o verbo pode concordar com a porcentagem ou, preferencialmente, com o especificador. Ex.: Somente 1% dos alunos não **compareceu** ou **compareceram** à prova. Se a porcentagem estiver determinada, o verbo deverá concordar, obrigatoriamente, com a porcentagem. Ex.: Estes 10% da turma **foram** aprovados. / Os restantes 90% da turma **foram** aprovados.

Com a conjunção ou – se houver ideia de exclusão, o verbo concorda com o mais próximo. Ex.: Ou você ou o diretor terá de ir a São Paulo amanhã. Se não houver ideia de exclusão, (ou=E/Ou) a concordância é facultativa. Ex.: O gerente financeiro ou o contador **pode** ou **podem** resolver o caso. Se houver ideia aditiva (Ou= E) o verbo concorda no plural. Ex.: Futebol ou carnaval **fazem** a alegria do brasileiro com a mesma intensidade.

Com cerca de – Perto de – o verbo concordará, obrigatoriamente, com o núcleo plural. Ex.: **Cerca de** duzentas pessoas compareceram à festa. / **Perto de** quinhentas crianças já foram vacinadas.

Com partitivos (parte, maioria, metade...) – rigorosamente o verbo deve concordar no singular. Ex.: Grande parte dos alunos já **saiu**. / A maioria dos problemas ainda não foi **resolvida**. / Metade dos convocados já **está** em Teresópolis. A concordância (atrativa) no plural com o especificador é aceitável. Ex.: Grande parte dos alunos já **sairam**. / A maioria dos problemas ainda não **foram** resolvidos. / Metade dos convocados já **estão** em Teresópolis.

Com sujeito simples posposto – A posição natural do sujeito é antes do verbo, mas a concordância é obrigatória mesmo quando o sujeito aparece depois do verbo. Ex.: **Compareceram** à reunião todos os diretores. / Ainda **faltam** dois exercícios. / Para não ser rebaixado, **são necessários** 40 pontos.

Com o sujeito oracional – quando o sujeito é formado por uma oração (=frase com verbo), a concordância se faz no singular. Ex.: Ainda **falta** resolver dois exercícios. / Para não ser rebaixado, **é necessário**, no mínimo, chegar a 40 pontos.

Com milhão, bilhão, trilhão... – o verbo concorda com o núcleo. Ex.: Um milhão **foi gasto**. / Dois milhões foram gastos. / Quando houver especificador, o verbo pode concordar no singular ou, preferencialmente, no plural. Ex.: Um milhão de dólares **foi gasto** ou **foram gastos** no projeto.

Fonte: g1.globo.com/educacao